

**Elipse: da transparência à opacidade – uma gradiência de forma↔significado sob a ótica da Gramática de Construções e da Linguística Funcional Centrada no Uso**

---

Ellipse: from transparency to opacity – a gradient of form↔meaning from the perspective of Construction Grammar and Usage-Based Functional Linguistics

Elipse: de la transparencia a la opacidad – un gradiente de forma↔significado desde la ótica de la Gramática de Construcciones y de la Lingüística Funcional Centrada en el Uso

**Elenita Alves Barbosa**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB/Brasil)  
elenita.dissertacao@gmail.com  
<https://orcid.org/0000-0003-2398-4199>

**Valéria Viana Sousa**

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB/Brasil)  
valeria.viana.sousa@uesb.edu  
<https://orcid.org/0000-0002-8243-9281>

**RESUMO**

Trata-se de um recorte da tese de doutorado, intitulada “ELIPSE: da transparência à opacidade, uma gradiência no pareamento de forma ↔ significado”, que investiga as estruturas elípticas de sujeito, verbo e complemento verbal no português popular e culto de Vitória da Conquista/BA, sob a perspectiva da Gramática de Construções e da Linguística Funcional Centrada no Uso. Este artigo tem como objetivo analisar qualitativamente a gradiência na categorização das elipses em transparentes, semitransparentes e opacas, que toma o termo referenciador como base, em amostras coletadas em textos de diversos gêneros e tipologias, nos quais foram identificadas regularidades no delineamento do pareamento forma↔significado. Os resultados mostram que as construções elípticas compartilham aspectos formais e

funcionais, advindos de outras construções no mesmo contexto, e que a elipse ultrapassa a fronteira da coesão textual. A pesquisa contribui para a ampliação da reflexão sobre o fenômeno da elipse nos diversos espaços de estudo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Elipse; Gramática de Construções; Linguística Funcional Centrada no Uso; Pareamento Forma-Significado; Gradiência.

**ABSTRACT:** *This is an excerpt from the doctoral thesis titled “ELLIPSIS: from transparency to opacity, a gradience in the pairing of form ↔ meaning”, which investigates elliptical structures of subject, verb, and verbal complement in both popular and standard Portuguese as spoken in Vitória da Conquista, Bahia. The study is grounded in the framework of Construction Grammar and Usage-Based Functional Linguistics. This article aims to qualitatively analyze the gradience in the categorization of ellipses as transparent, semi-transparent, and opaque, using the referring term as the basis. The analysis is based on samples collected from texts of various genres and typologies, in which regularities in the pairing of form ↔ meaning were identified. The results show that elliptical constructions share formal and functional aspects derived from other constructions within the same context and that ellipsis goes beyond textual cohesion. The research contributes to expanding the understanding of ellipsis across different areas of linguistic study.*

**KEYWORDS:** *Ellipsis; Construction Grammar; Usage-Based Functional Linguistics; Form-Meaning Pairing; Gradience.*

**RESUMEN:** *Se trata de un recorte de la tesis doctoral titulada “ELIPSE: de la transparencia a la opacidad, una gradiencia en el emparejamiento forma ↔ significado”, que investiga las estructuras elípticas de sujeto, verbo y complemento verbal en el portugués popular y culto de Vitória da Conquista/BA, desde la perspectiva de la Gramática de Construcciones y de la Lingüística Funcional Centrada en el Uso. Este artículo tiene como objetivo analizar cualitativamente la gradiencia en la categorización de las elipsis en transparentes, semitransparentes y opacas, tomando como base el término referencial, a partir de muestras recogidas en textos de diversos géneros y tipologías, en los cuales se identificaron regularidades en el emparejamiento forma↔significado. Los resultados muestran que las construcciones elípticas comparten aspectos formales y funcionales provenientes de otras construcciones en el mismo contexto, y que la elipsis supera el límite de la cohesión textual. La investigación contribuye a ampliar la reflexión sobre el fenómeno de la elipsis en los diferentes campos de estudio lingüístico.*

**PALABRAS CLAVE:** *Elipsis; Gramática de Construcciones; Lingüística Funcional Centrada en el Uso; Emparejamiento Forma-Significado; Gradiencia.*

## **1 Introdução**

A compreensão do funcionamento da linguagem natural exige uma abordagem que vá além das regras gramaticais tradicionais e considere o uso efetivo realizado pelos falantes. Nesse contexto, a Gramática de Construções (GC) emerge como uma proposta teórica que enfatiza, entre outras questões, a importância do uso e da frequência na configuração das estruturas linguísticas.

No cerne dessa abordagem, destacam-se a LFCU, que se fundamenta nos pressupostos da Linguística Cognitiva, a qual incorpora elementos da Linguística de Construções, que, por sua vez, compartilha princípios do Funcionalismo Clássico (norte-americano). Todas elas convergem na ideia de que o funcionamento da língua é fundamentado nas práticas reais de comunicação, levando em conta fatores pragmáticos, discursivos e contextuais. Essa perspectiva marca uma ruptura com modelos de gramática tradicional, que, frequentemente, prescrevem regras, fundamentadas em uma lógica formal que se distancia do uso real da linguagem no cotidiano.

O avanço desse campo teórico demonstra uma crescente incorporação de processos cognitivos e de frequência na análise das construções. Desde abordagens que veem a língua como uma rede de conexões entre forma e significado, até a popularização de modelos que reconhecem a importância do uso na formação e na manutenção das estruturas linguísticas, o panorama teórico atual evidencia uma tendência de maior flexibilidade e dinamismo. Assim, o estudo das elipses, por exemplo, fenômeno central desta pesquisa, analisado à luz da abordagem funcional-cognitiva, ilustra bem essa mudança de paradigma.

As elipses passam a contemplar não apenas aspectos formais, mas também fatores discursivos e contextuais que as motivam. Elas representam lacunas na estrutura linguística, cuja recuperação depende de inferências contextualizadas, priorizando o uso recorrente e a frequência na língua. Nesse sentido, a teoria defende que muitas lacunas constituem um (novo) padrão de uso, e sua interpretação requer uma leitura atenta do contexto situacional, reforçando a ideia de uma língua viva, em constante evolução, moldada pelo cotidiano dos falantes.

Diante dessas considerações, compreendemos que a Gramática de Construções oferece uma abordagem mais ampla, inclusiva e pragmática para o estudo da língua. Ao focalizar o uso e suas regularidades, ela permite compreender melhor como os falantes realimentam, reinventam e dinamizam

suas expressões. Assim, a perspectiva funcional-cognitiva amplia o entendimento do funcionamento linguístico, promovendo uma análise mais alinhada às práticas reais de comunicação e às variabilidades inerentes às línguas naturais.

Neste trabalho, pretendemos aprofundar essa teoria, explorando suas principais categorias, suas aplicações na análise de fenômenos como as elipses e discutindo suas contribuições para uma compreensão mais ampla e flexível da linguagem. A abordagem evidencia uma visão integrada entre estrutura, uso e cognição, mostrando-se uma ferramenta valiosa para o estudo do funcionamento da língua na sua dimensão mais vivencial e pragmática. Dessa forma, a pesquisa reforça a importância de considerar o uso cotidiano na análise linguística contemporânea, contribuindo para uma compreensão mais naturalista e contextualizada da língua.

Este artigo está estruturado em seis seções, sendo elas: Introdução; Fundamentação teórica que aborda sobre a Gramática de Construções, a Linguística Funcional Centrada no Uso e sobre a elipse; Metodologia; Categorização e gradiência das elipses; Análise de dados; e as considerações finais.

## 2 Fundamentação teórica

Nesta seção, abordaremos, apoiadas teoricamente na Gramática de Construções e na Linguística Funcional Centrada no Uso, sobre as noções de construção e de pareamento forma↔significado.

### 2.1 Gramática de Construções: noções de construção e de pareamento forma↔significado

Interessante começar com um questionamento intrigante e que surge sempre que falamos de Gramática de Construções: “O que é a Gramática de Construções (GC)?”. Em uma resposta rápida, diríamos que se trata de uma gramática que estuda a integração entre léxico e sintaxe. O que parece complexo, porém, não o é, pois é um estudo que está pautado no Funcionalismo, que “[...] contempla a língua em uso e considera as funções que lhe são atribuídas no processo de interação discursiva, atendendo às necessidades comunicativas dos falantes” (Barbosa, 2024, p. 32). Logo, a GC concentra seus estudos nos usos que o falante faz da língua.

O surgimento desse tipo de gramática se deu em Berkeley, nos finais da década de 80, resultante de três grandes movimentos analíticos, que se combinam em alguns aspectos, mas se diferenciam no que diz respeito às ênfases teóricas, e na criação de modelos. Dois projetos desenvolvidos em Berkeley – Lakoff/Goldberg e Fillmore/Kay – surgiram com o objetivo de captar os idiomatismos sintáticos. Já o movimento liderado por Langacker, nascido de forma mais independente em San Diego, buscava explicar diferenças semânticas sutis entre sentenças aparentemente equivalentes (Pinheiro; Alonso, 2018). Apesar da distância geográfica, ambos compartilham o compromisso de relacionar a estrutura linguística a processos cognitivos gerais, o que os vincula à Linguística Cognitiva e à Linguística Funcional (Pinheiro; Alonso, 2018). Contudo, há uma divergência quanto à ênfase dada ao impacto do uso linguístico na representação gramatical subjacente, presente tanto nas versões iniciais desses trabalhos quanto no projeto de Fillmore e Kay (Pinheiro; Alonso, 2018).

Pinheiro e Alonso (2018) sintetizam esse caminho traçado pela GC, por meio do Quadro 01:

Quadro 01: Linhagens paralelas de formação e desenvolvimento da Gramática de Construções

	<b>Anomalia</b>	<b>Incorpora processos associados à cognição geral?</b>	<b>Contempla os efeitos do uso sobre a representação subjacente?</b>
<b>Fillmore/ Kay</b>	Idiomatismos sintáticos	Não	Não
<b>Lakoff / Goldberg</b>	Idiomatismos sintáticos	Sim	Não
<b>Langacker</b>	Diferenças semânticas sutis associadas às “imagens mentais”	Sim	Sim

Fonte: Pinheiro e Alonso (2018, p. 21).

No entanto, no final da década de 90, conforme nos informam os autores, esse cenário sofre, no mínimo, três mudanças que alteram o contexto teórico da GC, sendo: (i) a GC agrega o uso (efeito de frequência) ao seu “arsenal explicativo”; (ii) a “popularização da abordagem construcionista” ocasiona o aparecimento de outros modelos da GC; e (iii) como consequência da segunda, modelos variantes receberam nomenclaturas mais robustas para

que diferenciasssem uns dos outros, exceto a *Cognitive Grammar*. Diante dessa nova realidade, Pinheiro e Alonso (2018) atualizam o quadro teórico da GC:

Quadro 02: Mercado teórico da GC nos dias de hoje

	<b>Incorpora processos associados à cognição geral?</b>	<b>Contempla os efeitos do uso sobre a representação subjacente?</b>
<b>Berkeley Construction Grammar</b> (FILLMORE, 1988; FILLMORE; KAY; O'CONNOR, 1988)	Não	Não
<b>Sign-Based Construction Grammar</b> (BOAS; SAG, 2012)	Não	Não
<b>Cognitive Construction Grammar</b> (GOLDBERG, 2006; a sair)	Sim	Sim
<b>Cognitive Grammar</b> (LANGACKER, 1987; 1991)	Sim	Sim
<b>Radical Construction Grammar</b> (CROFT, 2001)	Sim	Sim
<b>Fluid Construction Grammar</b> (STEELS, 2011)	Sim	Sim
<b>Embodied Construction Grammar</b> (BERGEN; CHANG, 2005)	Sim	Sim

Fonte: Pinheiro e Alonso (2018, p. 21-22).

Esse panorama histórico mostra que os três movimentos da Gramática de Construções convergem em dois princípios centrais: (i) a indissociabilidade léxico-gramática – a língua se organiza como uma ampla rede de construções que vão desde estruturas totalmente abertas (sujeito-predicado) a construções parcialmente especificadas (quanto mais X, mais Y) e, por fim, a construções completamente especificadas (*Santo de casa não faz milagre*); e (ii) a concepção do signo linguístico como pareamento forma ↔ função (Salomão, 2002, p. 69).

Percebemos, através da organização apresentada por Pinheiro e Alonso (2018), no Quadro 02, a grande ascensão que os estudos construcionistas conquistaram e que foram agregados à GC, o que lhe fornece duas características importantes: o modelo baseado no uso, de vertente funcional-cognitivo e o modelo baseado na competência, de cunho formalista.

Nosso estudo pauta-se no modelo centrado no uso, ou seja, nos estudos baseados na Gramática de Construções, nos quais Traugott e Trousdale (2021 [2013]) ratificam que

Um tema recorrente nas gramáticas de construções é a metáfora de uma rede. Goldberg (2003, p. 219) sugere que a ‘totalidade do nosso conhecimento da língua é aprendida por uma rede de construções’ e Croft (2007a, p. 463) identifica dois princípios fundamentais por trás da gramática de construções: (a) um pareamento de estrutura e significados complexos; (b) associação desses pareamentos em uma rede (Traugott; Trousdale, 2021 [2013], p. 36-37).

A GC metaforizada em rede elucida bem a proposta dessa teoria que aborda os “[...] aspectos do conhecimento [...] como sendo organizados em uma rede” (Traugott; Trousdale, 2021 [2013], p. 37) e reconhece a construção como um pareamento forma↔significado. Bybee (2016 [2010]) contemporiza o pensamento de Fillmore; Kay; O’Connor (1988); Goldberg (1995, 2006) e Croft (2001) ao defender que

[...] a ‘construção’ [...] constitui uma unidade mais adequada para a representação morfológica e sintática. A ideia crucial por trás da construção é que ela é um pareamento direto entre forma e significado que tem estrutura sequencial e pode incluir posições que são tanto fixas quanto abertas (Bybee, 2016 [2010], p. 28).

Goldberg (2013) considera salutar que os fatos sensíveis sobre a semântica e a utilização de construções mais particulares devem ser levados em consideração, isso se associa ao pensamento de Bybee (2016 [2010]) ao falar da ideia por trás da construção, é o que constitui o “pareamento direto entre forma e significado”. Em uma análise construcional, faz-se necessário levar em conta todos os aspectos da gramática, inclusive, os chamados por outras teorias de periféricos ou residuais. Todas as palavras constantes em uma estrutura possuem significados, tem uma função, pois, nas palavras de Bybee (2016 [2010], p. 29, grifos nossos), “[...] a gramática não contém módulos para a sintaxe separados da semântica [...]. Até mesmo a *fonologia pode ser diretamente representada na construção de casos de redução fonológica especial que ocorrem em construções específicas*”. A GC considera que as construções são baseadas em enunciados reais.

A unidade básica de qualquer língua é a construção, não apenas as consideradas regulares pela gramática, mas todas aquelas que fazem parte da rotina dos falantes, seja de um grupo menor ou maior, podendo ser expressões idiomáticas, provérbios, clichês etc., todas essas construções apresentam tendência de se rotinizarem e evoluírem do pragmático para o sintático. Como já visto anteriormente, as Gramáticas de Construções concordam que as

línguas se organizam em rede. Sendo o discurso a origem da gramática, não podemos admitir que haja regras fechadas e classificações seladas, pois isso não daria conta das eventualidades dos discursos.

As abordagens baseadas no uso decorrem do princípio de que “[...] o inventário construcional do falante resulta da atuação, sobre o *input* linguístico, de uma série de processos cognitivos de domínio geral” (Pinheiro; Alonso, 2018, p. 22), o que corrobora o que dissemos anteriormente, e em cujos paradigmas a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) está inserida.

## 2.2 Linguística Funcional Centrada no Uso: perspectiva funcional e contexto de uso

A Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) compactua do pensamento da GC que percebe a gramática como uma rede de construções, ligada por nós, por meio de uma estrutura hierárquica (Traugott; Trousdale, 2013). Esse modelo surge, no Brasil, por meio do grupo de pesquisa Discurso & Gramática (doravante D&G), fundado por Sebastião Votre, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Rosário (2022) esclarece que essa fase do Funcionalismo praticado no Brasil foi, *a priori*, conhecida como *Linguística Cognitivo-Funcional* ou *Linguística Baseada no Uso*, traduzido de *Usage-Based Linguistics*, como nomeada no exterior. Em seguida, por sugestão do professor Mário Martelotta (UFRJ), foi denominada na área de pesquisa do D&G como *Linguística Centrada no Uso*. No entanto, para preservar a identidade funcional, aderiram ao nome de *Linguística Funcional centrada no Uso*.

Após todo esse movimento, eis que a LFCU se expande por outros terrenos além UFRJ e chega até a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), por intermédio do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em (Sócio)Funcionalismo, Grupo Janus, fundado e coordenado pelos professores Jorge Augusto Alves da Silva e Valéria Viana Sousa (UESB). Os membros do grupo ampliam suas pesquisas nessa vertente, e esses estudos têm se aliado aos pesquisadores renomados do D&G, proporcionando grandes feitos e grandes trabalhos na área. D&G e Janus, entre outros grupos no país, se empenham a pesquisar a língua pelo viés do Funcionalismo Linguístico em uma abordagem construcional.

Como dito no início desta seção, a LFCU adota os conceitos da GC no tocante a compreender que a gramática é um conjunto de construções, pareamentos forma↔significado ou construções organizadas em rede

(Traugott; Trousdale, 2021[2013]). Logo, ainda segundo os autores, as construções são convencionalizadas, posto que fazem parte das formas de fala de um determinado grupo, e, dessa forma, elas se fixam enquanto forma e significado na mente dos usuários.

Além disso, alguns termos cunhados pelo Funcionalismo Linguístico norte americano, considerado como clássico, são incorporados pela LFCU, a exemplo de: marcação, iconicidade, informatividade etc., questões que consideraremos para análise das elipses na presente pesquisa. As análises dos fatos da língua, consoante à teoria em questão, são pautadas na metodologia qualitativa tanto na descrição quanto na interpretação dos fatos, por considerarem a relevância das frequências *type* e *token* na análise do fenômeno em estudo, sendo a *token* primordial para o fenômeno da convencionalização.

A fim de termos um retrato de como a elipse tem sido apresentada, na subseção subsequente traremos uma síntese de como a Gramática Tradicional, a Linguística Textual, a Gramática de Construções e a LFCU analisam a elipse.

### 2.3 A elipse: um fenômeno linguístico multifacetado

O estudo da elipse é abordado sob várias perspectivas linguísticas, refletindo a sua complexidade e a multifuncionalidade dentro do sistema linguístico. Desde a Gramática Tradicional (GT) até as abordagens mais contemporâneas, como a Linguística Textual (LT), a GC, verificamos que a elipse constitui um fenômeno linguístico. No entanto, para a GT, ela é um elemento elidido de fácil recuperação; para a LT, um elemento de coesão textual; e, para a GC e a LFCU, é um recurso que não pode ser reduzido a uma simples omissão de termos e que, também, não cumpre apenas o papel de proporcionar coesão ao texto, mas deve ser compreendido como uma construção potencialmente motivada por diversos fatores contextuais, discursivos, pragmáticos, semânticos e sintáticos.

Ainda sob a perspectiva da Gramática Tradicional, a elipse é, a rigor, vinculada à omissão de termos que podem ser inferidos pelo contexto ou pela estrutura da oração, sendo vista, sobretudo, sob o prisma prescritivo, com foco na sua classificação e nas regras para seu uso correto. Rocha Lima (2011) detalha que a elipse pode ser total ou parcial, podendo envolver a omissão de verbos, nomes, frases inteiras ou mesmo de pequenas expressões. Nessa visão, a ênfase recai na capacidade de preencher as lacunas por elementos do próprio texto, destacando a função de evitar repetições e promover a economia

linguística, além de contribuir para a fluidez do discurso. Essa abordagem, contudo, muitas vezes restringe a compreensão da elipse à sua função coesiva, sem considerar em profundidade os fatores extralinguísticos, ou o papel do contexto situacional na sua interpretação.

Na perspectiva da Linguística Textual, a elipse é entendida como um elemento fundamental na construção da textualidade, contribuindo para a continuidade, a economia e a expressividade do discurso. Autores como Koch (1988), Fávero (2007) e Antunes (2005) destacam a elipse como um recurso de substituição por zero ( $\emptyset$ ), que possibilita a omissão de termos nominais, verbais ou mesmo de orações completas. Para essa abordagem, a elipse reforça a coesão textual por meio de mecanismos anafóricos ou catafóricos, permitindo que o texto se mantenha fluido, econômico e com capacidade de transmitir informações de modo eficiente. Essa perspectiva também valoriza o papel da elipse, reconhecendo que ela não se limita à função de evitar repetições, mas também contribui para a ênfase e a concisão do discurso. Apesar disso, nessa abordagem não é considerada a semântica que incorpora dos contextos que a circundam.

No campo da Gramática de Construções e da LFCU, o foco recai na análise do fenômeno elíptico como uma construção linguística motivada por padrões recorrentes de uso. Autores como Heine (2011), Hilpert (2014), Goldberg e Perek (2019) e, mais recentemente, com estudos nessa área que, até então, eram desconhecidos no Brasil, surge Barbosa (2024) que se une aos outros pesquisadores e, juntos, defendem que a elipse deve ser considerada como uma construção licenciada que envolve fatores sintáticos, morfológicos, fonológicos, semânticos, pragmáticos e discursivos.

Essa abordagem enfatiza que a elipse é uma construção que pode assumir diferentes formas e funções, dependendo do contexto e do perfil do falante ou escritor. Além disso, a Gramática de Construções e a LFCU destacam que nem todas as lacunas podem ser simplesmente recuperadas pelo contexto imediato, uma vez que algumas delas exigem inferências mais elaboradas, envolvendo o conhecimento situacional, as expectativas do interlocutor e os gêneros discursivos, simultaneamente; outras utilizam apenas o contexto extralinguístico para serem interpretadas. Essa perspectiva moderna contribui para uma compreensão mais flexível e dinâmica do fenômeno, abrindo espaço para análises detalhadas das regularidades de uso e das variações culturais e contextuais que moldam a ocorrência da elipse.

Ao longo do estudo, notamos que a compreensão da elipse é essencialmente multidimensional, envolvendo uma combinação de fatores

internos à estrutura do texto, bem como elementos externos, relacionados ao contexto situacional e ao repertório do interlocutor. A importância do contexto, tanto linguístico quanto extralinguístico, é reiterada por Heine (2011) e Hilpert (2014), que destacam que a interpretação de uma elipse requer não apenas o reconhecimento de padrões formais, mas também uma compreensão aprofundada do cenário comunicativo em que ela ocorre. Esses fatores incluem a relação entre os participantes, o gênero textual, o registro, as intencionalidades do discurso e até mesmo as variações dialetais ou culturais.

Outro aspecto relevante é que a elipse possui uma função que transcende a mera economia linguística, podendo atuar como um mecanismo de coesão, de ênfase ou de suavização do discurso, entre outras intencionalidades. A presença da elipse favorece uma comunicação mais fluida e menos redundante, além de possibilitar uma maior expressividade e criatividade na linguagem. Ainda assim, seu uso adequado exige uma compreensão sofisticada dos fatores contextuais e uma habilidade interpretativa por parte do receptor, o que reforça sua natureza complexa e multifacetada.

Finalmente, o entendimento do fenômeno elíptico exige uma abordagem integrada, que considere as contribuições de diferentes tradições e abordagens teóricas. A combinação de uma perspectiva prescritiva da Gramática Tradicional, com o entendimento mais amplo oferecido pela Linguística moderna acerca da expressão discursiva, possibilita uma compreensão mais profunda e abrangente sobre a associação entre a ocorrência e a função da elipse. Essa integração também favorece o desenvolvimento de estudos mais elaborados e metodologicamente rigorosos, capazes de captar as nuances do uso da elipse em diferentes contextos comunicativos, culturais e sociais.

Em síntese, a elipse revela-se um fenômeno linguístico que atua em múltiplos níveis, sendo fundamental na construção do significado, na coerência do discurso, na economia da expressão, na subjetividade, entre outros. Sua análise deve partir de uma compreensão contextualizada, levando em conta fatores internos à estrutura linguística e fatores externos relacionados ao uso social e comunicativo da língua. Essa multiplicidade de perspectivas reforça a importância do estudo da elipse como um elemento dinâmico, adaptável às necessidades do falar e do escrever, bem como uma ponte que conecta os aspectos formais, semânticos, pragmáticos e discursivos da linguagem.

Na próxima seção, trazemos a classificação criada por nós para as elipses, observando seu contexto de uso, os critérios para cada categorização e a gradiência existente entre elas.

### 3 Metodologia

Como nosso estudo é fundamentado nos princípios do Funcionalismo, partimos do ponto de vista de que a língua não é autônoma e, por isso, ela deve ser analisada como um todo e não por partes isoladas. Em decorrência disso, a sintaxe é considerada como mutável, uma vez que ela está submetida às variabilidades decorrentes do discurso (Furtado da Cunha, 2013), ao qual vai se configurando e constituindo a função das formas das construções.

Os *Corpora* utilizados em nossa pesquisa, *Corpus* do Português Popular de Vitória da Conquista (PPVC) e *Corpus* do Português Culto de Vitória da Conquista (PCVC), foram cedidos pelo Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e (Socio)funcionalismo<sup>1</sup> – CNPq, Grupo Janus<sup>2</sup>, vinculado ao Laboratório de Pesquisa em Sociolinguística e em (Socio) Funcionalismo – LAPESF – PPGELin/UESB, coletados em período que compreende os anos de 2011 e 2015.

Este artigo, que é um recorte de nossa tese de doutorado, apresenta o resultado dos dados coletados em oito entrevistas do PPVC e oito do PCVC, escolhidas aleatoriamente. Nossa análise alinha-se com a perspectiva sincrônica ou transversal, cujo foco é na investigação das formas e dos significados utilizados em um determinado momento, e a amostra é não probabilística. Para alcançar nosso objetivo, fizemos o levantamento das elipses nos *Corpora* e analisamos cada contexto qualitativamente, observando

---

<sup>1</sup> Fazemos parte do grupo como pesquisadores do projeto “Estudo de fenômenos linguísticos na perspectiva (sócio) funcionalista, com base na descrição e análise da comunidade de fala de Vitória da Conquista”, sob cadastrado 34221214.9.0000.00552, no Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE), cujos responsáveis são a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Valéria Viana Sousa e o Prof. Dr. Jorge Augusto Alves da Silva, ambos da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, *campus* Vitória da Conquista.

<sup>2</sup> Janus (ou Jano) é uma divindade romana que possui uma cabeça com duas faces que lhe permite olhar para sentidos opostos, vê o passado e o futuro simultaneamente como se fosse o presente. o grupo leva esse nome por ter um olhar na Linguística Histórica (passado) e outro olhar na Sociolinguística e Funcionalismo (presente), conciliando, assim, a perspectiva da Linguística Histórica, da Sociolinguística, do Funcionalismo, do (Socio)funcionalismo e, recentemente, da LFCU, dado que grande parte das pesquisas organizadas pelo Grupo Janus está ancorada nos pressupostos teórico-metodológicos das teorias baseadas na variação e mudança da língua em uso.

o significado que cada uma obteve no contexto ou no cotexto, ou ainda, em ambos.

Na próxima subseção, antes da análise dos dados que coletamos, apresentamos a categorização que fazemos das elipses, tendo como ângulo principal a posição do termo referente em relação ao termo elíptico. Essa classificação não é dicotômica nem estanque, ela se dá em uma gradiência, ou seja, a elipse vai perdendo traços categoriais de uma classificação e ganhando de outra.

#### 4 Categorização das elipses e a gradiência entre elas

É interessante enfatizar que a elipse pode ocorrer em qualquer termo que cumpre qualquer função sintática, resguardando o sentido do que se quer comunicar, posto que os interlocutores são os responsáveis por licenciarem as construções elípticas. Sublinhamos, ainda, que as elipses podem estar em posição próxima ao termo referente, em uma distância intermediária, distante ou, ainda, o referente pode se encontrar no contexto extralinguístico, o que demanda do ouvinte/leitor um maior esforço cognitivo para fazer o resgate ou a interpretação do que que fora dito.

Dessa forma, julgamos procedente criar um expediente classificatório dessas elipses em três categorias: transparente, semitransparente e opaca, tomando como base critérios de fácil identificação, a serem mostrados no Quadro 03. A nomenclatura adotada por nós abarca todos os *types*<sup>3</sup> de elipses, pois compreendemos que elas podem estar evidenciadas na circunstância da fala ou apenas nas adjacências do que é dito. Além de ser uma conceituação relevante, facilita para que outras pessoas descortinem os contextos de forma mais efetiva e mais factual.

---

<sup>3</sup> Frequência *type*, é um termo cunhado por Traugott e Trousdale (2021 [2013]) como sendo o número de padrões construcionais diferentes que uma construção mais esquemática traz, ou seja, Traugott e Trousdale (2021 [2013], p. 51) equiparam “[...] frequência de construção a frequência de tipo”.

Quadro 03: Classificação das elipses em relação ao termo referente

<b>Crítérios</b>	<b>Transparente</b>	<b>Semitransparente</b>	<b>Opaca</b>
Distância do termo elidido em relação ao referente	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ o termo elíptico deve estar no mesmo turno de fala;</li> <li>➤ deve possuir material linguístico recuperável de forma anafórica no cotexto em posição próxima do termo de resgate, sendo, dessa forma, facilmente interpretável, sem nenhuma competição com outros termos;</li> <li>➤ deve estar na desinência do verbo (quando se tratar de sujeito);</li> <li>➤ deve poder ser substituído por uma forma remissiva gramatical livre<sup>4</sup> em referência a uma palavra já proferida;</li> <li>➤ o referente deve ser semanticamente central para o entendimento do enunciado.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ a distância entre o referente e a elipse for intermediária ou grande (em um processo contínuo) dentro do turno de fala, mas exigir que o interlocutor use a função psicológica para localizar o referente, a fim de que compreenda o que fora dito;</li> <li>➤ o termo referenciador, se estiver próximo da elipse, deve estar em posição catafórica, deve ser resgatado de enunciado dito pelo receptor e, por isso, para ser interpretado, carece do contexto e do cotexto<sup>5</sup>, simultaneamente;</li> <li>➤ o referente deve contribuir de forma periférica ou complementar para a construção do sentido.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ a elipse não deve possuir material linguístico como referente, ou seja, são as elipses, cujo resgate se dá pelo contexto sem antecedente linguístico, mas a definitude<sup>6</sup> e o contexto de fala favorecem a interpretação pela força ilocucionária abarcada pelo termo elíptico;</li> <li>➤ o referente é semântico-discursivamente marginal, sendo recuperado apenas por inferências indiretas.</li> </ul>

<sup>4</sup> Termo cunhado por Koch (2022, p. 38-39) como sendo aquelas formas “[...] que não acompanham um nome dentro de um grupo nominal, mas que podem ser utilizadas para remissão, anafórica ou cataforicamente, a um ou mais constituintes do universo textual. A estes ficaria reservada a denominação genérica de ‘pronomes’ ou de pró-formas”. Para nossa classificação, a posição catafórica não se encaixa nas elipses transparentes, mas nas semitransparentes.

<sup>5</sup> Contexto – Segundo Marcuschi (2008, p. 87), as relações contextuais “[...] se estabelecem entre o texto e sua situacionalidade ou inserção cultural, social, histórica e cognitiva (o que envolve os conhecimentos individuais e coletivos)”.

<sup>6</sup> Segundo Givón (2001, p. 399), “O falante codifica um sintagma nominal definido se supõe que o ouvinte é capaz de atribuir-lhe referência única, devido à acessibilidade dêitica da situação ou à acessibilidade do referencial do arquivo permanente[...]”.

Ambiguidade do termo elidido	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ o elemento elidido não deve possuir ambiguidade semântica;</li> <li>➤ o termo elíptico deve estar diretamente ligado ao foco pragmático do enunciado, com função discursiva clara e central;</li> <li>➤ a elipse deve contribuir para a continuidade e fluidez do texto.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ o elemento elidido pode expressar ambiguidade semântica;</li> <li>➤ o termo elíptico tem relevância pragmática indireta, mas ainda compreensível dentro do discurso;</li> <li>➤ a elipse introduz pequenas rupturas na coerência, mas ainda é interpretável com esforço adicional.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>➤ havendo um termo já citado com a mesma morfologia, a mesma função sintática e a mesma fonologia, mas não tiver a mesma semântica, nem a mesma propriedade pragmática e discursivo funcional;</li> <li>➤ a relação pragmática entre o termo elíptico e o discurso é obscura ou negligenciável, dificultando sua interpretação;</li> <li>➤ a elipse compromete significativamente a coerência textual, dificultando sua recuperação.</li> </ul>
Traços do termo elidido	[-marcada]; [+localizável]; [+composicional]	[+marcada]; [+localizável]; [+composicional]	[+marcada]; [-localizável]; [-composicional].

Fonte: Barbosa (2024).

O Quadro 03 apresenta de forma detalhada os três critérios gerais estabelecidos para a classificação das elipses em transparentes, semitransparentes e opacas, são eles: (i) distância do termo elidido em relação ao referente - avalia a distância da elipse em relação ao termo de referência; (ii) ambiguidade do termo elidido - trata da semântica e da pragmática do termo elidido; e (iii) traços do termo elidido - aponta se a elipse é mais ou menos perceptível (marcada)<sup>7</sup>, se é fácil ou não de ser localizada e se ela é mais ou menos composicional<sup>8</sup>.

<sup>7</sup> A elipse é [+marcada] quando o ouvinte percebe com mais facilidade a sua presença na estrutura frasal; [-marcada] quando o termo elidido é resgatado tão facilmente que é quase imperceptível.

<sup>8</sup> Segundo Barbosa (2024, p. 56), “[...] quando a elipse é resgatável do cotexto, ela é mais composicional, considerando que todas as suas partes sintáticas e semânticas são interpretáveis com facilidade; quando ela é inferida apenas do contexto, ela é menos composicional, posto que carece de inferências (inter)subjativas”.

A seguir, em (01), (02) e (03) apresentamos um exemplo<sup>9</sup> das categorias, a fim de que possam ser mais bem compreendidas. Em (01), temos um texto retirado de uma postagem da rede social Instagram:

(01) O que raios esse carro tem que todo mundo ainda *quer* Ø?  
(mensagem do Instagram).

Encontramos nesse texto uma elipse de complemento verbal, mais especificamente um objeto direto, facilmente recuperável do contexto linguístico, uma vez que o termo elíptico “carro” está no turno de fala, posicionado anaforicamente; pode ser substituído por uma forma remissiva gramatical livre, nesse caso, “ele/o”, com referente central. Quanto ao aspecto semântico, observamos que o elemento elidido não possui ambiguidade semântica; está ligado ao foco pragmático do enunciado, com função discursiva clara e central, e a elipse contribui para a continuidade e a fluidez do texto. Diante dessa análise, verificamos que se trata de uma elipse [-marcada]; [+localizável]; [+composicional].

Observemos o exemplo (02), cujo fragmento é do conto Branca de Neve, dos Irmãos Grimm:

(02) A rainha [...]. Finalmente, mandou chamar um caçador e disse:  
- Ø *Suma* com essa menina da minha frente. Quero que você a leve para o fundo da floresta e a mate. Para provar que você fez mesmo isso, traga-me os pulmões e o fígado dela.  
O caçador *obedeceu* Ø. Levou a menina para a floresta, mas, quando puxou seu facão de caça e se preparava para atravessar o coração inocente de Branca de Neve, ela começou a chorar (fragmento do Conto Branca de Neve)<sup>10</sup>.

O contexto do conto “Branca de Neve” é bastante conhecido, por isso dispensa contextualização do fragmento em (02). Dispomos de dois contextos de elipses semitransparentes, sendo: o primeiro trata-se de um vocativo “Ø *Suma* com essa menina”, posto que a rainha convoca o caçador, especificado na narração do conto e omitido na transcrição da fala; o segundo é um complemento verbal omitido em “O caçador *obedeceu* Ø”; como obedecer é um verbo transitivo indireto, a elipse é de objeto indireto, que, para esse

<sup>9</sup> Os exemplos que apresentamos são de modalidades e tipologias variadas, veiculados nos mais diversos canais de comunicação, para que todos possam perceber que a elipse é usada em qualquer gênero textual, seja falado ou escrito.

<sup>10</sup> Disponível em: [https://www.grimmstories.com/pt/grimm\\_contos/branca\\_de\\_neve](https://www.grimmstories.com/pt/grimm_contos/branca_de_neve). Acesso em: 14 nov. 2025.

contexto, pode ser interpretado por “rainha”, cujo resgate se dá observando o referente “rainha” que se encontram na narração do conto, em um turno de fala diferente do que compõe o diálogo. Logo, o leitor precisa acionar a função psicológica para localizar o referente e compreender o que fora dito. Dessa forma, podemos dizer que o referente contribui de forma complementar e com certo esforço para a semântica do texto. Sendo assim, essas elipses são [+marcadas]; [+localizáveis]; [+composicionais].

Para ilustrar as elipses opacas, buscamos um exemplo, (03), em um fragmento do poema “Mãe”, de Cora Coralina.

(03) [...] Cria teus filhos,  
não os entregues à creche.  
Creche é fria, impessoal.  
Nunca será um lar  
para teu filho.  
Ele, *O pequenino*, precisa de ti. [...]. (Fragmento do poema “Mãe”  
de Cora Coralina)<sup>11</sup>.

O poema de Cora Coralina é um apelo apaixonado à mulher, à mãe, para que ela reconheça e valorize seu papel fundamental na sociedade e na família. A autora destaca a importância da maternidade e a necessidade de a mulher se conectar com sua essência maternal. A mãe é apresentada, enfatizando, no seu papel de criar e nutrir a humanidade. A autora destaca a importância da presença da mãe na vida do filho, afirmando que “Creche é fria, impessoal. Nunca será um lar para teu filho. Ele, *O pequenino*, precisa de ti”. Há uma ênfase do quanto os cuidados maternos são fundamentais para os filhos pequenos.

Nesse fragmento, encontramos uma elipse opaca de verbo “Ele, *O pequenino*”, que pode ser interpretado como “é” ou “está”, um verbo de ligação que traz uma qualificação para o filho. O que certificamos é que essa elipse não possui material linguístico como referente, é o contexto extralinguístico e a definitude que favorecem a interpretação pela força ilocucionária abarcada pelo termo elíptico; o referente é semântico-discursivamente marginal e é recuperado apenas por inferências indiretas. Sendo assim, temos uma elipse [+marcada]; [-localizável]; [-composicional].

---

<sup>11</sup> Disponível em: [https://escolaeducacao.com.br/melhores-poemas-de-cora-coralina/#google\\_vignette](https://escolaeducacao.com.br/melhores-poemas-de-cora-coralina/#google_vignette). Acesso em: 14 nov. 2015.

Embora estabeleçamos essa classificação, esclarecemos que as categorias da língua são complexas; a língua não é planejada, ela exhibe variação e gradiência.

A gradiência se refere ao fato de que muitas categorias da língua ou da gramática são difíceis de serem distinguidas, geralmente porque a mudança ocorre no tempo de modo gradual, movendo um elemento de uma categoria a outra ao longo de um contínuo (Bybee, 2010[2016], p. 18).

Essa gradiência também está para a categorização criada por nós para as elipses, no que diz respeito à sua posição em relação ao referente, uma vez que não há como estabelecer uma distinção clara entre uma categoria e outra, mas esse processo de mudança ocorre de forma gradual em um contínuo, isto é, as elipses vão perdendo traços de uma categoria e apropriando-se de outros da próxima categoria. É pela gradiência que a maleabilidade da língua é simbolizada, nos mais diversos níveis. Em outras palavras, os limites entre as categorias são vagos e indistintos, não se pode delimitá-los por serem organizados em um contínuo de categorialidade ou de gramaticalidade (Furtado da Cunha; Silva, 2013). Isso se dá de forma discreta, leve, quase indistinto, mas ininterrupto, continuamente. Através do Quadro 04, elucidamos melhor o que estamos dizendo:

Quadro 04: Representação da gradiência da categorização das elipses

Transparente	⇒	Semitransparente	⇒	Opaca
<i>ab...O faço doutorado em Memória</i>		<i>Bonecos, Power Rangers eb... soldados, eu tinha muito O.</i>		<i>num misturava... O</i> (resgate da desinência verbal)
(elipse com ambiguidade semântica: muitos bonecos ou brinquedos favoritos?)		(resgate do contexto extralinguístico)		
contexto próximo		contexto intermediário/distante		contexto extralinguístico

Fonte: Barbosa (2024).

Observando o Quadro 04, identificamos que não há uma ruptura nas categorias, mas os próprios critérios apontados no Quadro 03 nos dão um direcionamento de que esse processo classificatório é discreto, precisa ser analisado atentamente, verificar os níveis dos traços abarcados pelo termo elidido se é marcado ou não; se é de fácil localização ou não; e se tem perda de composicionalidade e se a mantém. Necessita, também, avaliar o contexto em que a elipse se encontra etc. Pois, conforme já tratamos em vários momentos deste artigo, todos os falantes e escritores, independentemente do nível de escolaridade e da modalidade da qual fazem uso, operacionalizam as elipses em seus diversos contextos sociocomunicativos e, por isso, a análise

desse recurso deve ser simultânea à análise gramatical e não isolada, dado o vínculo existente entre ambas e pelo fato de a elipse absorver significados diversificados no ato da comunicação.

Diante de todo o exposto, na seção a seguir, apresentamos a análise qualitativa de elipses localizadas em textos de circulação em variados suportes.

## **5 Análise dos dados**

Acreditamos que já está bastante evidenciado que a elipse é um recurso bastante usado por todos os falantes e escreventes, sem precisar levar em conta a modalidade textual utilizada, o nível de escolaridade, a classe social etc. Considerando que o foco deste artigo é a gradiência entre a classificação proposta por nós para as elipses, tendo em vista sua posição em relação ao seu referente, acrescentamos também que o uso da elipse independe da localização que ela ocupa na estrutura, importando, apenas, se ela é licenciada ou não pelos interlocutores.

Segundo Barbosa e Sousa (2024), as elipses

[...] se estabelecem em uma rede de construções como signos baseados no pareamento forma↔significado, sendo interpretáveis (resgatadas) por meio de informações acondicionadas na mente do falante. Esse recurso, apesar de não ser expresso, é patenteado pelo contexto e sancionado pelos interlocutores em um movimento de (inter)subjetividade (Barbosa; Sousa, 2025, p. 08).

É nessa perspectiva que analisamos as elipses, enquanto pareamento forma↔significado, que compõem uma gradiência de transparente, semitransparente e opaca. Contudo, faz-se necessário lembrar que essa classificação se dá em virtude dos papéis desempenhados pela elipse na estrutura frasal e da sua localização em relação ao seu referenciador. Daí a importância e a necessidade de uma análise detalhada de cada construção elíptica, observando cada uso, a fim de que se compreenda a sua função.

### **5.1 Elipses transparentes**

Para nossa análise neste texto, apresentamos dois exemplos de cada classificação com elipses em funções sintáticas diferentes na categoria. Os dados encontrados nos textos que circulam na nossa sociedade trazem vários

casos de elipses regularmente licenciadas, como o exemplo (04), trecho da música “Aquarela”, de Toquinho:

- (04) Se um pinguinho de tinta  
 Cai num pedacinho azul do papel  
 Num instante, *Ø imagino*  
 Uma linda gaivota a voar no céu (Música Aquarela – Toquinho).

A música “Aquarela” utiliza de uma linguagem bastante poética e criativa para retratar a criatividade das crianças envoltas ao mundo das fantasias puras e cheias de esperança. No fragmento trazido para análise, encontramos uma elipse de sujeito que, considerando o critério “Distância do termo elidido em relação ao referente”, se encaixa nos seguintes parâmetros: o termo elíptico está no mesmo turno de fala - embora se trate de uma música, é possível perceber que não há mudança do tópico frasal da estrofe; a elipse é facilmente preenchida pela desinência do verbo (*imagino*) que se encontra em primeira pessoa do singular (eu); o referente, nesse caso, é semanticamente central para o entendimento do enunciado.

Para o critério “Ambiguidade do termo elidido”, a elipse não possui ambiguidade semântica, posto que a desinência verbal “-o” pertence, exclusivamente à primeira pessoa do discurso; o foco pragmático do enunciado está evidenciado na função discursiva; e, nesse caso, a elipse contribui para a fluidez do discurso, especialmente por se tratar de um texto literário, um poema cantado. Dessa forma, os traços dessa elipse são: [-marcada]; [+localizável]; [+composicional], o que a categoriza como transparente.

O exemplo (05) faz parte do *corpus* PPVC e foi usado na nossa tese.

- (05) INF: [...] nós só tem uma coisa porque Deus dá *Ø Ø* (EFO – *Corpus* PPVC).

Em (05), temos um contexto de fala onde aparecem duas elipses transparentes que completam a forma verbal “dá”. Temos, então, um complemento de objeto direto e indireto, visto que o verbo dar é transitivo direto e indireto. Julgamos que a não agentividade de “coisa”, nesse caso, favoreceu o uso da elipse dupla, cuja interpretação seria “Deus dá essa coisa a nós/a gente”, termos de mesma função semântica e sintática. Ao analisarmos o critério “Distância do termo elidido em relação ao referente”, notamos que há iconicidade entre o termo de resgate e a elipse, pois estão próximos; há material linguístico resgatável; o referente é semanticamente central, o que

favorece o entendimento do enunciado. Logo, para o segundo critério “Ambiguidade do termo elidido”, fica claro que não há ambiguidade semântica, uma vez que o termo é facilmente resgatável. Este é um claro exemplo de que o falante só transmite aquilo que ele julga salutar para a compreensão do que ele quer dizer. As duas elipses, encapsulam-se e ganham traços de [-marcada], [+localizável] e [+composicional].

Para fechar a análise das elipses transparentes, tomamos posse das palavras de Barbosa (2024) que defende que

As elipses transparentes são facilmente localizadas, por isso não são marcadas, passando, muitas vezes, despercebidas pelos interlocutores, e possuem a mesma composicionalidade do referente, isto é, ela se encaixa no mesmo padrão semântico, fonológico e morfológico, sem nenhuma perda (Barbosa, 2024, p. 140).

As palavras de Barbosa (2024) vêm ao encontro do que já evidenciamos sobre as elipses transparentes. Elas são mais discretas, menos marcadas, possuem a mesma composicionalidade do referente que deve estar próximo a elas ou facilmente recuperável.

Analisaremos, na próxima seção, as elipses semitransparentes.

## 5.2 Elipses semitransparentes

As elipses semitransparentes caracterizam-se, especialmente, pelo distanciamento do referenciador com o termo elidido. Chamamos atenção para a gradiência existente nesse distanciamento comparando com as transparentes, o que exige de quem faz a análise uma atenção maior (função cognitiva) para que possa fazer a interpretação corretamente. Vamos ao exemplo (06) que é um fragmento de uma matéria vinculada em um blog da cidade de Vitória da Conquista/Bahia, cujo assunto é a feira de flores de Holambra, evento que acontece todos os anos no mês de novembro:

(06) Maria confessa que não conhece muito de plantas, mas acha o evento “muito lindo”. Já João gosta de aproveitar a oportunidade de fortalecer o movimento regional: “Quando tem algum evento exposto em praça pública, eu sempre tento vir e fortalecer o movimento regional. Eu *acho*  $\emptyset$  muito bonito e é muito interessante um espaço estar

tão cheio de pessoas trabalhando e consumindo” (Blog do Anderson, 15/11/2025)<sup>12</sup>.

Em (06) temos várias elipses, mas nosso foco é na que se categoriza como semitransparente. Na construção “Eu *acho* Ø”, João omitiu o objeto direto de *acho* que pode ser “evento” ou “movimento regional”, o que causa uma ambiguidade semântica, o que, por si só, já conduz o interlocutor a acionar a função psicológica para localizar o referente. Dessa forma, faz com que o referente contribua não efetivamente, mas de maneira periférica para a interpretação. Por conseguinte, os traços das elipses são [+marcada]; [+localizável]; [+composicional], classificando-a, nos moldes de Barbosa (2024) em semitransparente.

Outro exemplo ilustrativo da elipse semitransparente é o que apresentamos em (07), que é um trecho de um diálogo ocorrido no cinema, onde duas pessoas conversam sobre a possível confusão de troca de lugares.

- (07) Diálogo no cinema:
- Desculpe, esse é o meu lugar.
  - Ø Tem certeza Ø?
  - Sim Ø, minha passagem diz fila 6, poltrona 12. É essa mesmo.
  - Desculpe, tinha visto mal a minha poltrona. A minha é a 2. Já saio da sua poltrona.
  - Muito obrigado.
  - De nada. Até logo<sup>13</sup>.

Para analisar as elipses constantes no exemplo (07), vamos fazer um encapsulamento, posto que pertencem à mesma categoria. Todas elas, “Ø Tem certeza?”; “Tem certeza Ø?”; e “— Sim Ø” são resgatadas da fala do interlocutor, o que revela uma ausência de aproximação entre o termo elíptico e o referente. Em “Ø Tem certeza?”, omite-se o sujeito “você”, “o senhor/a”, percebemos uma ambiguidade semântica; em “Tem certeza Ø?”, sentimos falta do complemento nominal de “certeza” que seria “que esse é seu lugar”, cujo termo de resgate está no turno de fala anterior; já em “— Sim Ø”, os elementos elididos compõem uma oração inteira, também suprimida uma vez que já está especificada pelo interlocutor. Geralmente, um diálogo é um bom exemplo em que a presença de elipses semitransparentes é um fato, posto que

<sup>12</sup> Disponível em: <https://www.blogdoanderson.com//search/flores>. Acesso em: 20 nov. 2025.

<sup>13</sup> Disponível em: 20 Exemplos de Diálogos Curtos.

é a fala retratada tal como se processa entre duas ou mais pessoa, o que mais uma vez ratifica que dizer o desnecessário não é padrão nos atos comunicativos, especialmente nos orais. As elipses localizadas em (07) possuem traços [+marcada]; [+localizável]; [+composicional], o que as classificam como semitransparentes.

Nossa última análise se processa com as elipses opacas. Vejamos na próxima subseção.

### 5.3 Elipses opacas

As elipses opacas são as mais subjetivas. Elas permitem uma inferência maior por parte do interlocutor, possuem como maior característica a ausência de material linguístico como referente. Vamos ao exemplo (08), que será o mesmo que foi utilizado em (06), logicamente, com o olhar voltado para outra categoria de elipse que não seja as já analisadas.

(08) Maria confessa que não conhece muito de plantas, mas acha o evento “muito lindo”. Já João gosta de aproveitar a oportunidade de fortalecer o movimento regional: “Quando tem algum evento exposto em praça pública, eu sempre tento vir e fortalecer o movimento regional. Eu acho muito bonito e é muito interessante um espaço estar tão cheio de pessoas trabalhando e *consumindo Ø*” (Blog do Anderson, 15/11/2025).

Uma elipse de objeto direto que deveria acompanhar o verbo “consumir”, mas o falante preferiu deixar o seu interlocutor fazer a interpretação. Já na fala de Maria, ela fala de plantas, mas não fica claro se o evento em que ela se encontra é um ambiente que as tenha. João, por sua vez, reforça o termo “evento” e depois “movimento regional”, e o leitor da matéria só faz a inferência de que as pessoas estão no ambiente comprando plantas porque a manchete da matéria é “Conquista florescendo. Feira de flores de Holambra acontece pela 18ª vez em Vitória da Conquista”.

Nesse contexto, a elipse não possui material linguístico como referente, mas a definitude, que, nesse caso, é estabelecida por estarem em um espaço onde estão sendo vendidas flores, e o contexto de fala, resgatado do título da matéria<sup>14</sup> favorecem a interpretação do termo elíptico; nesse caso, o

---

<sup>14</sup> O título da matéria é: Conquista Florescendo | Feira de Flores de Holambra acontece pela 18ª vez em Vitória da Conquista

referente está semântico-discursivamente fora do contexto, posto que foi recuperado apenas por inferências indiretas; não há nenhum termo que ocupe a mesma função sintática, semântica e fonológica, pragmática e funcional que o termo elidido. Essa elipse não cumpre papel de coesão textual, dificulta, inclusive, sua recuperação.

Prossigamos nossa análise através do exemplo (09) que é um exemplo do *Corpus* PCVC, uma vez que também trouxemos um do PPVC.

(09) Ø São segmentos da bíblia (ASA – *Corpus* PCVC)

O sujeito elíptico nesse contexto de uso é opaco pelo fato de sua conectividade semântica, sua iconicidade, sua pragmática estarem voltadas para o contexto situacional apenas, uma vez que não há nenhum referente codificado que estabeleça elo com o termo elidido. O informante utiliza apenas “são segmentos da bíblia” para explicar sobre a religião na qual frequenta para o documentador, e o interlocutor é capaz de compreender por ter no ato comunicativo condições de acionar sua função psicológica e, junto com ela, acionar os princípios citados, perceber a definitude de fala e a força-ilocucionária abarcada pelo termo elíptico para interpretar a fala. Nesse caso, o referente é semântico-discursivamente marginal, sendo inferido indiretamente. Temos, claramente, uma elipse com traços [+marcada], [-localizável] e [-composicional], conseqüentemente, opaca.

Após a apresentação dos Quadro 03 e 04 e essa análise mais detalhada das elipses, ficam mais claros os critérios que usamos para categorizar as elipses em transparentes, semitransparente e opacas, além de conduzir à percepção da gradiência existente entre as categorias. Na seção que segue, apresentamos nossas considerações finais.

## 6 Considerações finais

A análise da linguagem sob a perspectiva da Gramática de Construções e da Linguística Funcional Centrada no Uso revela uma abordagem mais dinâmica e realista do funcionamento linguístico. Ao valorizar o uso recorrente, os padrões de frequência e os fatores contextuais, essa teoria possibilita compreender como os falantes efetivamente utilizam a língua em suas interações cotidianas. Assim, ela amplia o entendimento sobre as estruturas linguísticas, reforçando que a gramática não é um sistema fechado e rígido, mas uma rede de construções moldadas por práticas comunicativas.

A relevância dessa abordagem fica patente ao considerar fenômenos como as elipses, que dependem de inferências contextuais e do uso na interpretação. Essas lacunas, muitas vezes opacas na análise formal tradicional, ganham sentido na visão funcional-cognitiva, que reconhece a importância do uso e da frequência na recuperação do sentido. Dessa forma, a teoria contribui para uma compreensão mais aprofundada e contextualizada das expressões linguísticas, reforçando sua aplicação prática na análise textual e discursiva.

Além disso, a evolução do campo mostra um movimento de integração entre aspectos cognitivos, pragmáticos e discursivos, promovendo uma visão mais holística da linguagem. Essa perspectiva favorece interpretações mais flexíveis e ajustadas às necessidades comunicativas, considerando a diversidade de contextos socioculturais em que a língua é utilizada. Como consequência, ela oferece uma base teórica robusta para estudos da língua e de análise textual, promovendo maior aderência à fala e à escrita reais.

Por fim, ao adotar uma postura que valoriza o uso, a frequência e a contextualização, a Gramática de Construções contribui significativamente para o desenvolvimento de uma linguística mais natural e estruturada de acordo com a realidade dos falantes. Ela reforça a ideia de que a língua é um fenômeno vivo, em contínua transformação, moldada pelas práticas sociais e culturais. Assim, essa abordagem oferece ferramentas valiosas para pesquisadores, professores e estudantes que buscam compreender e ensinar a língua de forma mais efetiva e alinhada às suas funções sociais e comunicativas.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. Recursos da substituição. *In*: ANTUNES, Irandé. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 117-124

BARBOSA, Elenita Alves. **Elipse: da transparência à opacidade, uma gradiência no pareamento de forma ↔ significado**. 2024. Tese (doutorado em Linguística). Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2024. 161f. Disponível em: <<https://repositorio.cepelin.org/index.php/repositorioppglintesesdissertacao/article/view/295>>. Acesso em: 11 nov. 2025.

BARBOSA, Elenita Alves; SOUSA, Valéria Viana. A elipse sob a ótica funcionalista. **RGSA – Revista de Gestão Social e Ambiental**. Miami.

v.19.n.2. p.1-13. e011423 2025, p. 1-13. Disponível em: <<https://rgsa.openaccesspublications.org/rgsa/article/view/11423/6100>>. Acesso em: 11 nov. 2025.

BYBEE, Joan. **Língua, Uso e Cognição**. Tradução Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016 [2010].

FÁVERO, Leonor Lopes. **Coesão e coerência textuais**. Série Princípios. Editora Ática. 2007.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Funcionalismo. *In*: MARTELOTTA, Mário Eduardo. **Manual de Linguística** (org.). 2.ed. São Paulo: Contexto, 2013, p. 157-176.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; SILVA, José Romerito. Resenha de "Gradience, gradualness and grammaticalization: How do they interact?". **Revista Linguística** / Revista do Programa de PósGraduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Volume 9, número 2, dezembro de 2013, p. 154-157.

GIVÓN, Talmy. **Syntax: an introduction**. v.1. Amsterdam: John Benjamins, 2001.

GOLDBERG, Adele E. Constructionist approaches. *In*: HOFFMANN, Thomas; TROUSDALE, Graeme (orgs.) **The Oxford Handbook of Construction Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2013. Tradução C. L. Schwenk.

GOLDBERG, Adele E.; PEREK, Florent. **Ellipsis in Construction Grammar**. Oxford Handbooks Online. Fevereiro de 2019.

HEINE, Lena. Non-coordination-based ellipsis from a Construction Grammar perspective: The case of the coffee construction. **Cognitive Linguistics**. 2011. V. 22: Edição 1, p. 55-80.

HILPERT, Martin. **Construction Grammar and its application to English**. Edinburgh University Press. 2014. p. 50-73.

KOCH, Ingedore Grünfeld Villaça. Principais mecanismos de coesão textual em português. **Cad. Est. Ling.** Campinas (15): 73-80. jul./dez. 1988.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A coesão textual**. 22. ed. São Paulo: Contexto, 2022.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PINHEIRO, Diogo; ALONSO, Karen. 30 anos (ou mais) de Gramática de Construções: primeiros apontamentos para uma história do movimento construcionista (ou: 1988: o ano que não terminou). **Revista Linguística**. Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p. 6-29. jan.-abr. 2018.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do. Linguística Funcional Centrada no Uso e Gramática de Construções: hierarquia construcional e domínios gerais. *In*: ROSÁRIO, I. da C. (Org.). **Introdução à linguística funcional centrada no uso: teoria, método e aplicação**. Niterói: Eduff, 2022, p. 95-121

SALOMÃO, Maria Margarida Martins. Gramática das construções: a questão da integração entre sintaxe e léxico. **Veredas, revista de estudos linguísticos**. Universidade Federal de Juiz de Fora. Editora UFJF. V. 6, n. 1, jan./jun. 2002, p. 63-74

TRAUGOTT, Elizabeth Closs.; TROUSDALE, Graeme. **Constructionalization and constructional changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs.; TROUSDALE, Graeme. **Construcionalização e mudanças construcionais**. Tradução Taísa Peres de Oliveira e Angélica Furtado da Cunha. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021 [2013].

*Recebido em novembro de 2025.*

*Aprovado em dezembro de 2025.*

*Publicado em dezembro de 2025.*

## **SOBRE AS AUTORAS**

**Elenita Alves Barbosa** é doutora em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)/Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin).

**Valéria Viana Sousa** é doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba–UFPB. Professora Titular da UESB. Líder do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e em (Sócio)Funcionalismo – CNPq (Grupo Janus). Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin/UESB).